

Jesus e a Eucaristia

I- Introdução

Em Mt 26:26 a 29 (1), na Última Ceia, Jesus toma o Pão, e depois de o abençoar, parte e o entrega aos Apóstolos dizendo: Comei, isto é o meu "Corpo".

Em seguida pega um cálice com Vinho e o oferece aos Apóstolos dizendo: Bebei dele todos vós. Este é o meu "Sangue da Aliança", que é derramada por causa de muitos para o perdão dos pecados.

Também vos digo que não mais beberei deste vinho até o dia no qual o beberei novamente no Reino de meu Pai.

II- A Interpretação da Eucaristia

Após explicar para os Apóstolos que está muito próximo o término do trabalho em conjunto, e que quer reiterar as suas recomendações de Amor, feitas desde o início do Apostolado, define que:

- Este "Pão" significa o "Pão do Banquete do Evangelho";
- Este "Vinho" é o "Sinal Renovador dos Meus Ensinamentos";
- Constituirão o Símbolo da nossa Comunhão perene, no sagrado idealismo do Amor, com que operaremos no Mundo;
- Todos os que partilharem conosco, através do tempo, deste "Pão Eterno" e deste "Vinho Sagrado", ambos da Alma, terão o Espírito fecundado pela Luz gloriosa do Reino de Deus, que representa o objetivo santo dos nossos destinos.

Antes de lavar os pés dos seus humildes Apóstolos, o Divino Pastor exclama: Imenso é o trabalho de Redenção, mesmo porque tenho outras "Ovelhas" que não são deste "Aprisco". Contudo, o Reino dos Céus nos espera com a sua eternidade luminosa.

No Cap. 8 de (7), Moutinho afirma que no Judaísmo, Doutrina de Moisés, o "Pão" sem fermento representa a pressa que antecede a "Fuga do Egito". No Cristianismo, o "Pão" oferecido pelo Divino Mestre representa o Símbolo da sua Doutrina retratando a sua "Pureza Original", além de ter o significado de que todos podem ter acesso gratuitamente aos seus Ensinamentos através do Evangelho de Jesus.

O "Sangue" na Doutrina de Moisés retrata a Proteção contra o Anjo da Morte. No Cristianismo, a oferta pelo Senhor do "Vinho", retrata a Essência Moral e Espiritual do seu Evangelho de Luz e de Amor. Significa também a Proteção ao Homem na sua luta evolutiva contra as ambições que o distanciam de Deus.

Jesus afirma, no Cap.27 de (2), que a passagem do Horto, que antecede a sua prisão, é também um "Exemplo e Ensino" de que o Homem para seguir os seus passos terá que ascender, por si só (pelo seu próprio esforço), ao Monte do Calvário da sua própria Redenção, devendo ter uma caminhada firme e solitária, visto que os Amigos e Familiares se entregam ao "Sono da Indiferença" ou da "Ociosa Comodidade".

"Orar" e "Vigiar", acompanhado do "Testemunho e do Esforço Individual", são as armas infalíveis para o sucesso dos Discípulos Amados do Futuro ascenderem Espiritualmente.

Comparando-se os Textos, do Evangelho e os de natureza Espírita, ficam claros as "Enormes Diferenças Conceituais" entre eles, principalmente no que tange a "Remissão dos Pecados", que no Evangelho se subentende ser uma remissão gratuita e sem nenhum esforço de "Reforma Íntima" do Homem. Este Conceito está naturalmente completamente equivocado, de acordo com as próprias palavras de Jesus no Cap. 27 de (2), como citadas no penúltimo parágrafo.

Anexo I- Jesus e a Páscoa do Povo Hebreu- Uma Interpretação sob a Ótica do Espiritismo

A Páscoa é uma celebração religiosa do calendário Hebreu.

Todos os anos após o cativeiro de 400 anos no Egito, os Judeus instituíram esta ritualística com propósitos estritamente didáticos com vistas a relembrar o cativeiro que se deu em função da rebeldia e dos renitentes desvios coletivos do Bem, sendo estes configurados como o permissivo legal para que fossem reeducados Espiritualmente falando.

Na mesa da celebração anual familiar da Comunidade Judaica, eram postos os seguintes ingredientes:

Pães asmos (sem fermento) - para simbolizar que no cativeiro o barro pisado com os pés era para a feitura dos

tijolos para a construção da megalópole Egípcia;

Cálice de água com sal – ao ser tomado e rememorar as lágrimas derramadas das saudades da pátria original;

Ervas amargas – Seu sabor faria rememorar as amarguras da humilhação e do trabalho pesado sem distinção de posições sociais;

Cordeiro assado – Para rememorar o sangue do cordeiro ao qual o “Anjo do Senhor” mandou-lhes passar nas soleiras das portas para sinalizar que aquele lar não deveria ser molestados pelo Anjo da Morte”.

Ritualísticas a parte, o que se tem de essencial é a mensagem de Jesus para as gerações posteriores: Vigiar em suas más inclinações, para que não se façam novamente cativos nos Erros de Vidas Passadas.

Jesus em sua sabedoria, sem querer quebrar com as tradições daquele povo, também celebrou a Páscoa, se auto-instituindo como o próprio Cordeiro que seria imolado para que se rememorassem sua passagem e seus Ensina-mentos, que deveriam ser praticados para o livramento de todo cativo, exterior e interior, e para a instituição da Lei do Amor.

A Terceira Revelação, Mateus 13:33- Parábola do Fermento, não possui Símbolos, Dogmas ou Ritualísticas, pois sua linguagem é direta as Mentes e as Consciências, a partir do pressuposto que seu adepto já abriu os “Olhos de Ver e os Ouvidos de Ouvir”.

Já não mais é crença de um gado marcado e manipulado, que crê via Dogmas e Simbologias ou por “Pura Tradi-ção” e por “Puro Acreditar Coletivo”, que são característicos de uma “Fé Cega e Não Raciocinada”.

A Fé deve ser raciocinada, baseada no “Eu Sou Fiel” e não no “Eu Creio” porque agora “Eu Sei”.

Celebremos assim a Páscoa que deve ser diária, não nos perdendo em Simbologias meramente figurativas cultiva-dos como Religião, destituídos de nenhuma Essência Educativa.

Anexo II- Feliz Páscoa

Feliz Páscoa↔ por entender que Jesus veio retirar o Pecado da Terra, não por um Batismo Simbólico, mas sim pela iluminação interna de cada um, através do seu Evangelho de Luz e de Amor;

Feliz Páscoa↔ por entender que é necessário uma profunda Reforma Íntima para seguir os passos de Jesus;

Feliz Páscoa↔ por entender que o "Corpo de Jesus" define a pureza dos ensinamentos contidos no seu Evangelho;

Feliz Páscoa↔ por entender que o "Sangue de Jesus" significa a essência Moral e Espiritual através dos ensina-mentos contidos no seu Evangelho;

Feliz Páscoa↔ por entender que no Cristianismo a Páscoa significa a Passagem de Jesus pelos Corações dos Ho-mens extirpando o orgulho, a avareza, o egoísmo, a ambição,

Feliz Páscoa↔ por entender que Jesus continua pelo caminho de Emaus à Galileia Espiritual dos Corações dos Homens.

Feliz Páscoa, para que possamos no futuro, atravessarmos o Deserto da Ignorância na Terra e chegarmos na Jeru-salém Espiritual, em nome do Senhor.

Anexo III- Considerações Adicionais

Em Mateus 13:33, Jesus ensina que o Reino dos Céus é semelhante ao Fermento que uma mulher misturou na massa, dividindo-a em três partes, até que toda a massa esteja fermentada.

Esta Parábola na verdade relaciona a primeira porção da massa ao Judaísmo com Moisés, a segunda porção se relaciona com Jesus e o Cristianismo e finalmente, a terceira porção se relaciona ao Espiritismo Evangélico, com Kardec e seus continuadores (Emmanuel, André Luiz, Humberto de Campos, Neio Lucio, Miramez, Chico Xavier, e Outros).

No Cap.1 do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, o Espírito de um Rabino Hebreu, define que Moisés foi o percur-sor da Evolução Espiritual da Humanidade, ao trazer pelos Dez Mandamentos o Conceito de um Deus Único e o Gérmen da mais ampla Moral Cristã. Os seus Ensinamentos contidos no Pentateuco Hebreu eram apropriados ao estado “Selvagem”, sob o ponto de Vista Espiritual, dos Hebreus e demais povos à sua época.

Este mesmo Espírito define que Jesus foi o iniciador da Moral Evangélica Cristã, para que os Homens se amem como irmãos e tenham implantado em seus corações o Amor, a Caridade e a Solidariedade (não esquecer que

também na época de Jesus o “Estado Espiritual” do povo era também do tipo “Semi-Selvagem”).

Este Espírito Hebreu finaliza dizendo que no futuro, a beleza e a santidade da Moral Evangélica Cristã serão cultivados pelos Homens para que as portas da felicidade lhes serão abertas. Moisés abriu o caminho, Jesus continuou a Obra e o Espiritismo a terminará.

Conforme observa-se acima, este Espírito Hebreu confirma a Parábola do Fermento.

Huberto Rohden no Livro “Sabedoria das Parábolas” afirma que a Tradução errada da Vulgata Latina, que traduziu do Grego o verbo Pisteuein, que significa Fidelizar, erradamente traduzido por Crer, começa uma verdadeira tragédia milenar da Cristandade.

Anexo IV- A Última Tentação

Jesus, na hora extrema, começou a procurar os Apóstolos e os Discípulos, no seio da agitada multidão que lhe cercava o madeiro, em busca de algum olhar amigo em que pudesse reconfortar o Espírito atribulado.....Contemplou, em silêncio, a turba enfurecida.

Fustigado pelas vibrações de ódio e crueldade, qual se devera morrer, sedento e em chagas, sob um montão de espinhos, começou a lembrar os afeiçoados e seguidores da véspera.....

Onde estariam seus laços amorosos da Galiléia?.....

Recordou o primeiro contato com os pescadores do lago e chorou.

A saudade amargurava-lhe o coração.

Por que motivo Simão Pedro fora tão frágil? Que fizera ele, Jesus, para merecer a negação do companheiro a quem mais se confiara?

Que razões teriam levado Judas a esquecê-lo? Como o entregara, assim, ao preço de míseras moedas, o coração que o amava tanto?

Onde se refugiara Tiago, em cuja presença tanto se comprazia?

Sentiu profunda saudade de Filipe e Bartolomeu, e desejou escutá-los.

Rememorou suas conversações com Mateus e refletiu quão doce lhe seria poder abraçar o inteligente funcionário de Cafarnaum, de encontro ao peito.....

De reminiscência a reminiscência, teve fome da ternura e da confiança das criancinhas galiléias que lhe ouviam a palavra, deslumbradas e felizes, mas os meninos simples e humildes que o amavam perdiam-se, agora, à distância.....

Recordou Zebedeu e suspirou por acolher-se-lhe à casa singela. João, o amigo abnegado, achava-se ali mesmo, em terrível desapontamento, mas precisava socorro para sustentar Maria, a angustiada Mãe, ao pé da cruz.

O Mestre desejava alguém que o ajudasse, de perto, em cujo carinho conseguisse encontrar um apoio e uma esperança.....Foi quando viu levantar-se, dentre a multidão desvairada e cega, alguém que ele, de pronto, reconheceu. Era a mesmo Espírito perverso que o tentara no deserto, no pináculo do Templo e no cimo do Monte.

★ O Gênio da Sombra, de rosto enigmático, abeirou-se dele e murmurou:

Amaldiçoe, os teus amigos ingratos e dar-te-ei o Reino do Mundo. Proclama a fraqueza dos teus irmãos de ideal, a fim de que a justiça te reconheça a grandeza angélica e descerás, triunfante, da cruz..... Dize que os teus amigos são covardes e duros, impassíveis e traidores e unir-te-ei aos poderosos da Terra para que domines todas as consciências. Tu sabes que, diante de Deus, eles não passam de míseros desertores...

Jesus escutou, com expressiva mudez, mas o pranto manou-lhe mais intensamente da olhar translúcido. Sim, pensava, Pedro negara-o, mas não por maldade. A fragilidade do Apóstolo podia ser comparada à ternura de uma oliveira nascente que, com os dias, se transforma no tronco robusto e nobre, a desafiar a implacável visita dos anos. Judas entregara-o, mas não por má-fé. Iludira-se com a política farisaica e julgara poder substituí-lo com vantagem nos negócios do povo.

Encontrou, no imo d'alma, a necessária justificação para todos e parecia esforçar-se por dizer o que lhe subia do coração.

★ Ansioso, o Espírito das Trevas aguardava-lhe a pronúncia, mas o Cordeiro de Deus, fixando os olhos no céu inflamado de luz, rogou em tom inesquecível:

Perdoa,-lhes, Pai! Eles não sabem o que fazem....

★ O Príncipe das Sombras retirou-se apressado.

Nesse instante, porém, ao invés de deter-se na contemplação de Jerusalém dominada de impiedade e loucura, o Senhor notou que o firmamento rasgara-se, de alto a baixo, e viu que os Anjos iam e vinham, tecendo de estrelas e flores o caminho que o conduziria ao Trono Celeste.

Uma paz indefinível e soberana estampara-se-lhe no semblante.

O Mestre vencera a “Última Tentação” e seguiria, agora, radiante e vitorioso, para a claridade sublime da ressurreição eterna.

Anexo V- O Anjo da Caridade

Enquanto o Mestre agonizava na cruz, rasgou-se o céu em Jerusalém e Entidades Angélicas, em grupos extensos, desceram sobre o Calvário doloroso...

Na poeira escura do chão, a maldade e a ignorância expeliam trevas demasiadamente compactas para que alguém pudesse divisar as manifestações sublimes.

Fios de claridade indefinível passaram a ligar o madeiro ao firmamento, embora a tempestade se anunciasse a distância...

O Cristo, de alma sedenta e opressa, contemplava a celeste paisagem, aureolado pela glória que lhe bafejava a fronte de herói, e os Emissários do Paraíso chegavam, em bandos, a entoaram cânticos de amor e reconhecimento que os tímpanos humanos jamais poderiam perceber.

Os Anjos da Ternura rodearam-lhe o peito ferido como a lhe insuflarem energias novas.

Os Portadores da Consolação ungiam-lhes os pés sangrentos com suave bálsamo.

Os Embaixadores da Harmonia, sobraçando instrumentos delicados, formaram coroa viva, ao redor de sua atribulada cabeça, desferindo comovedoras melodias a se espalharem por bênçãos de perdão sobre a turba amotinada.

Os Emissários da Beleza teceram guirlandas de rosas e lírios sutis, adornando a cruz ingrata.

Os Distribuidores de Justiça, depois de lhe oscularem as mãos quase hirtas, iniciaram a catalogação dos culpados para chamá-los a esclarecimento a reajuste em tempo devido.

Os Doadores de Carinho, em assembleia encantadora, postaram-se à frente dele e acariciavam-lhe os cabelos empastados de sangue.

Os Enviados da Luz acenderam focos brilhante nas chagas doloridas, fazendo-lhe olvidar o sofrimento.

Trabalhavam os Mensageiros do Céu, em torno do Sublime Condutor dos Homens, aliviando-o e exaltando-o, como a lhe prepararem o banquete da ressurreição, quando um Anjo aureolado de intraduzível esplendor apareceu, solitário, descendo do império magnificente da Altura.

Não trazia seguidores e, em se abeirando do Senhor, beijou-lhe os pés, entre respeitoso e enternecido. Não se deteve na ociosa contemplação da tarefa que, naturalmente, cabia aos companheiros, mas procurou os olhos de Jesus, dentro de uma ansiedade que não se observara em nenhum dos outros.

Dir-se-ia que o novo representante do Pai Compassivo desejava conhecer a vontade do Mestre, antes de tudo. E, em êxtase, elevou-se do solo em que pousara, aos braços do madeiro afrontoso. Enlaçou o busto do Inesquecível Supliciado, com inexcedível carinho, e colocou, por um instante, o ouvido atento em seus lábios que balbuciavam de leve. Jesus pronunciou algo que os demais não escutaram distintamente.

O Mensageiro solitário desprende-se, então, do lenho duro, revelando olhos serenos e úmidos e, de imediato, desceu do monte ensolarado para as Sombras, procurando o Espírito de Judas, a fim de socorrê-lo e ampará-lo no Mundo Espiritual.

Se os Homens lhe não viram a expressão de grandeza e misericórdia, os Querubins em serviço também lhe não notaram a ausência. Mas, suspenso no martírio, Jesus contemplava-o, confiante, acompanhando-lhe a excelsa missão, em silêncio ➔ Era o Anjo Divino da Caridade.

Anexo VI- Na Hora da Cruz-I

Quando o Mestre se afastou do Pretório, suportando o madeiro a que fora sentenciado pelo Povo em desvario, pungentes reflexões lhe assomavam ao pensamento.

Que fizera senão o bem? Que desejara aos perseguidores senão a bênção da alegria e a visitação da Luz? Quando receberiam os Homens o dom da fraternidade e da paz?

Devotara-se aos doentes com carinho, afeiçoara-se aos discípulos com fervor... Entretanto, sentia-se angustiadamente só. Doíam-lhe os ombros dilacerados.

Porque fora libertado Barrabás, o rebelde, e condenado ele, que reverenciava a ordem e a disciplina?

Em derredor, Judeus irritados ameaçavam-no erguendo os punhos, enquanto Legionários ébrios proferiam maldições.

A saliva dos perversos fustigava-lhe o rosto e, inclinando-o para o solo, a cruz enorme pesava...

“Ó, Pai!, refletia, avançando dificilmente, que fiz para receber semelhante flagelação?”

Anciãos humildes tentavam confortá-lo, mas, curvado qual se via, nem mesmo lhes divisava os semblantes.

“Porque a Cruz? Continuava meditando, agoniado, porque lhe cabia tolerar o martírio reservado aos criminosos?”

Lembrou as crianças e as mulheres simples da Galileia, que lhe compreendiam o olhar, recordando, saudoso, o grande lago, onde sentia a presença do Todo-Compassivo, na bondade da natureza.....

Lágrimas quentes borbotaram-lhe dos olhos feridos, lágrimas que suas mãos não conseguiam enxugar. Turvara-se-lhe a visão e, incapaz de mais seguro equilíbrio sobre o pedregulho do caminho estreito, tropeçou e caiu de joelhos.

Guardas rudes vergastaram-lhe a face com mais violência. Alguns deles, porém, acreditando-o sob incoercível cansaço, obrigaram Simão, o Cireneu, que voltava do campo, a auxiliá-lo na condução do madeiro. Constrangido, o lavrador tomou sobre os ombros o terrível instrumento de tortura e só então conseguiu Jesus levantar a cabeça e contemplar a multidão que se adensava em torno.

E observando a turba irada, oh! Sublime transformação!... Notou que todos os circunstantes estavam algemados a tremendas cruces, invisíveis ao olhar comum:

- O primeiro que pode analisar particularmente foi Joab, o cambista, velho companheiro de Anás, nos negócios do Templo. Ele se achava atado ao “Lenho da Usura”. Vociferava, aflito, escancarando a garganta sequiosa de ouro;
- Não longe, Apolônio, o soldado da coorte, mostrava-se agarrado à enorme “Cruz da Luxuria”, repleta de vermes roazes a lhe devorarem o próprio corpo;
- Caleb, o incensador, berrava frenético, entretanto, apresentava-se jungido ao “Madeiro do Remorso por Homicídios Ocultos”;
- Amós, o mercador de cabras, arrastava a “Cruz da Enfermidade” que o forçava a sustentar-se em vigorosas muletas;
- José de Arimateia, o amigo generoso, que o seguia, discreto, achava-se preso ao “Frio Lenho dos Deveres Políticos”;
- Nicodemos, o Doutor da Lei, junto dele, vergava, mudo, sob o “Estafante Madeiro da Vaidade”.....
- Todas as criaturas daquele estranho ajuntamento traziam consigo “Flagelações Diversas” sob a “forma de cruces”.

O Mestre reconhecia-as, acabrunhado.

Eram cruces de ignorância e miséria, de revolta e concupiscência, de aflição e despeito, de inveja e iniquidade,.....

Tentou concentrar-se em maior exame, contudo, piedosas mulheres em lágrimas acercaram-se dele, de improviso.

- Senhor, que será de nós, quando partires? Gritava uma delas.
- Senhor, compadece-te de nossa desventura! Suplicava outra.
- Senhor, nós te lamentamos!.....
- Oh, Mestre, pobre de ti!

O Cristo fitou-as, admirado.

Todas exibiam asfixiantes padecimentos.

Viu que, entre elas, Maria de Cléofas trazia a “Cruz da Maternidade Dolorosa”, que Maria de Magdala pranteava sob a “Cruz da Tristeza” e que Joana de Cusa, que viera igualmente às celebrações da Páscoa, sofria, sob o ‘Madeiro do Casamento Infeliz”,

Azorragues lamberam-lhe a cabeça coroada de espinhos. A multidão começava a mover-se, de novo. Era preciso caminhar.

Foi então que o Celeste Benfeitor, acariciando a própria cruz que Simão passara a carregar, nela sentiu precioso rebento de esperança, com que o Pai Amoroso lhe agraciava o testemunho, a fim de que as sementes da renovação espiritual felicitassem a Humanidade. Endereçando compassivo olhar às mulheres que o cercavam, pronunciou as inesquecíveis palavras do Evangelho: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim!..... Chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos, porque dias virão em que direis: Bem-aventurados os ventres que não geraram e os seios que não amamentaram!..... Então, clamareis para os montes: Caí sobre nós! E rogareis aos outeiros: Cobri-nos! Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará com o lenho seco?

Anexo VII- Na Hora da Cruz-II

Emmanuel comenta que mesmo que tenhamos uma imensa bagagem de erros, a partir do instante em que nos rendemos aos “Desígnios de Deus”, aceitando com sinceridade o dever da própria Regeneração, avançamos para uma Região Espiritual de Luz, onde o “Jugo é Suave e o Fardo é Leve”.

Nesta região o “Espírito Endividado” não permanecerá em uma falsa atitude beatífica, reconhecendo que com Jesus e por Jesus, o “Sofrimento é Retificação” e as “Cruzes são Claridades Imortais”.

Anexo VIII- Na Hora da Cruz-III

Muitos estudiosos do Cristianismo combatem as recordações da cruz, alegando que as reminiscências do Calvário constituem indébita cultura de sofrimento.

Asseveram negativa a lembrança do Mestre, nas horas da crucificação, entre malfeitores vulgares.

Somos, porém, daqueles que preferem encarar todos os dias do Cristo por gloriosas jornadas e todos os seus minutos por divinas parcelas de seu ministério sagrado, ante as necessidades da alma humana.

Cada hora da presença dele, entre as criaturas, reveste-se de beleza particular e o instante do madeiro afrontoso está repleto de majestade simbólica.

Vários Discípulos tecem comentários extensos, em derredor da cruz do Senhor, e costumam examinar com particularidades teóricas os madeiros imaginários que trazem consigo.

Entretanto, somente haverá tomado à “Cruz de Redenção” que lhe compete aquele que já alcançou o poder de “Negar a Si Mesmo”, de modo a seguir nos passos do Divino Mestre.

Muita gente ainda confunde “Disciplina” com “Iluminação Espiritual”. Apenas depois de havermos concordado com o “Jugo Suave” de Jesus Cristo, podemos alçar aos ombros a cruz que nos dotará de asas espirituais para a vida eterna, pois o “Fardo é Leve” .

Contra os argumentos, quase sempre ociosos, dos que ainda não compreenderam a sublimidade da cruz, vejamos o exemplo do Cireneu, nos momentos culminantes do Salvador. A cruz do Cristo foi a mais bela do mundo, no entanto, o Homem que o ajuda não o faz por vontade própria e, sim, atendendo a requisição imposta na ordem dada pelos soldados romanos.

E, infelizmente até hoje, a maioria dos Homens aceita as obrigações inerentes ao próprio dever, porque a isso é constrangida.

Anexo IX- Na Hora da Cruz-IV

- O Divino Mestre Jesus foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral Evangélico Cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torna-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos bem mais superiores aos que hoje a habitam;

- É a Lei do Progresso, a que a Terra está submetida, e que se cumpre através do Espiritismo que é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance e progrida, alavancando a Terra de Mundo de Provas e Expição para Mundo de Regeneração.

Anexo X- Na Hora da Cruz-V

A Obediência ao Pai

Em uma das suas últimas reuniões com os Apóstolos, antes da Última Ceia, logo após o Apóstolo Pedro ter afirma-

do que Jesus era o Cristo, o Salvador esperado, o Filho do Deus Vivo, o Divino Mestre afirma-lhes que é necessário que se cumpra as previsões dos grandes Instrutores das revelações dos Céus, que o precederam no caminho.

Esclarece-lhes que está escrito que deverá sofrer e que não fugirá ao Testemunho necessário.

O Mestre afirma, ainda nesta mesma reunião, que veio ao mundo para o bom trabalho e que não terá outra vontade a não ser a que corresponda aos Sábios Desígnios da Vontade do Pai. Sua ação se destina aos que estão escravizados, no cativeiro do sofrimento, do pecado, da expiação. Ao instituir na Terra a luta perene contra o mal, o legítimo testemunho deve ser exemplificado.

Jesus complementa para os Apóstolos, que não espera por fáceis triunfos na Terra, pois o seu Reino não é deste Mundo. Dentro de breves dias, afirma ainda que, entrará em Jerusalém para sofrer as mais penosas humilhações. Contudo, nos derradeiros e mais difíceis testemunhos, terá o seu Espírito voltado para o Amor e a Misericórdia do Pai, ensinando aos mais fracos a passagem pela porta estreita da redenção humana, e mostrando as criaturas que sofrem o que é necessário fazer, a fim de atravessar as sendas do mundo, demandando as claridades eternas do Plano Espiritual. Termina com uma das suas famosas frases: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si próprio, tome a sua Cruz e siga os meus passos.

Anexo XI- Na Hora da Cruz-VI

A Necessidade da Vigilância

Após a Última Ceia, Jesus, acompanhado de poucos Apóstolos, se retira para o Monte das Oliveiras. Enquanto orava, estes Apóstolos adormecem, e são posteriormente advertidos pelo Mestre.

João Evangelhista, que era um destes Apóstolos, algum tempo após a Ressurreição do Divino Mestre, logo após as suas orações noturnas, sente como uma anestesia em seus centros vitais e tem uma visão de Jesus. Nesta visão, Jesus afirma-lhe que a sua Soledade no Horto é também um ensinamento do Evangelho, além de uma exemplificação. Significando para quantos vierem seguindo os seus passos, que cada Espírito na Terra tem de ascender sozinho ao Calvário de sua Redenção, muitas vezes tendo que se despreocupar dos entes mais amados no mundo. Em face desta Lição, o Discípulo do Futuro compreenderá que a sua marcha tem que ser solitária, uma vez que seus familiares e companheiros se entregam ao sono da indiferença.

A visão termina com o Divino Mestre afirmando para João que é imprescindível a necessidade do “Valor Individual do Testemunho” e que nunca se deve deixar de “Orar e Vigiar”, pois é importante observar que cada Criatura tem o seu instante de testemunho no caminho de redenção da existência, devendo vigiar o Espírito ao longo deste caminho, visando a aproveitar todas as oportunidades de iluminação interior, em sua marcha para o Pai.

Anexo XII- São Francisco de Assis e Jesus

Compilação baseada, de modo resumido, para texto no Whatsapp, no Cap. - Começa a Luta, Livro: São Francisco de Assis- Miramez e João Nunes Maia, Editora Espírita Cristã Fonte Viva, 1985.

O Filho de Bemardone, constrangido, pensava no que seria da Doutrina do Cristo entregue àqueles Sacerdotes. Qual o futuro do Evangelho de Jesus se continuassem os seus Vigários, mantendo aquele tipo de atitude? Todavia, a mesma voz amiga reforçava o seu coração:

- Francisco!... O Evangelho desceu do Céu, não foi escrito pelos Homens. Veio com o Objetivo de Reformar as Criaturas e não se aborrece em esperar o quanto for necessário; ele é a voz de Deus que se repete eternamente na Alma, até esta compreender e ouvir o seu chamado. Os Erros nele existentes foram inseridos pelos Homens que ainda não o compreenderam.

Nada se perde, porque Deus não é Deus de mentira. Segue avante, e vamos trabalhar na oportunidade que o Senhor te deu.

Fontes

- 1- Novo Testamento- Haroldo Dutra Dias, CEI, 2010
- 2- Boa Nova- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1941
- 3- Crônicas de Além-Túmulo- Idem, 1937
- 4- O Evangelho Segundo o Espiritismo- Allan Kardec, FEB, 2008
- 5- Caminho, Verdade e Vida- Emmanuel e Chico Xavier, FEB, 1948
- 6- Missionários da Luz- André Luiz e Chico Xavier, FEB, 1945
- 7- Respiça de Luz- J. J. Moutinho, FEB, 2010.

- 8- Cap.26- A Última Tentação - Contos e Apólogos- Humberto de Campos e Chico Xavier- FEB 1958
- 9- Cap.34- O Anjo Solitário – Estante da Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier - FEB 1969
- 10- Cap.21 – A Lição da Vigilância - Livro: Boa Nova - Humberto de Campos e Chico Xavier – FEB – 1941
- 11- Cap.27- A Oração do Horto, Livro: Boa Nova - Humberto de Campos e Chico Xavier – FEB – 1941
- 12- Cap.25- Na Hora da Cruz – Cartas e Crônicas - Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1966
- 13- Pão Nosso- Emmanuel e Chico Xavier, FEB, 1950
- 14- Um Espírito Israelita, Mulhouse, 1861, Cap.1, Livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”